O Tanque da Vera tá cheio de Mate

Se a escritura tem uma multiplicidade de sentidos, um conjunto de explosões, vibrações, irradiações, inquietações, sabores – e não um sentido último a ser decifrado – deixo-me embalar nas malhas que tecem tal escritura e confessar meus próprios sentimentos entre essa contínua travessia para o outro que é a linguagem, liberar meus próprios desejos, meu jeito singular de assimilá-la, compreendê-la e traí-la. A possibilidade de minha confissão não se relaciona, aqui, à exteriorização de um segredo estático e anterior ao ato de atravessar a escritura, pois nada de estranho me pode advir, senão o que me pertence desde há muito. Se há algum segredo a ser revelado é aquele do qual nos fala Evando Nascimento ao retomar a leitura que Derrida realizou do “estranho familiar” de Freud:

(...) o segredo se inscreve no discurso literário sem que este se reduza a uma simples identidade institucional. O ‘estranho familiar’ de Freud aponta também para uma espécie de segredo que volta à superfície, ou antes, é um rastro que sempre já está aí, na superfície, sem se deixar compreender, ver, nomear (...) (NASCIMENTO: 2004, p.62).

Minha leitura das falas de Stela não pretende outra coisa senão se lançar ao estranho dela mesma, o estranho de seu movimento que, em última instância, será a voz textual de minha própria subjetividade em trânsito. Tal subjetividade, por sua vez, se inscreve e se escreve na crise e, ao mesmo tempo, na “subversão”, como quer Kristeva, do “individualismo moderno”:

(...) mas talvez seja a partir da subversão desse individualismo moderno, a partir do momento em que o cidadão-indivíduo cessa de se considerar unido e glorioso para descobrir as suas incoerências e os seus abismos, em suma, as suas ‘estranhezas’, que a questão volta a se colocar: não mais a da acolhida do estrangeiro no interior de um sistema que o anula, mas a da coabitação desses estrangeiros que todos nós reconhecemos ser. (KRISTEVA: 1994, p.10).

Kristeva nos convida a romper com a lógica da identidade como auto-referência, arrancar o tapete do suposto “em si” identitário, pois não há fundamento último no qual a identidade se configure. Deixar a ilusão identitária unívoca, tida como inabalável, ser tomada de estranhamento, fruto do inevitável encontro com o outro que nos constitui: o estrangeiro, aquele que é e não é ao mesmo tempo, aquele que não se deixa apreender em um determinado lugar, capaz de fazer daquilo que o desestabiliza a sua força e daquilo que o fragiliza sua potência de vida.

A noção de *estrangeiro* será por mim apropriada, neste trabalho, como um modo de leitura, uma espécie de metodologia de leitura que deseja incorporar em seu processo o tempo e o espaço *estrangeiros*, jamais divididos entre aqui e alhures, entre agora e antes, pois

O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão sursis de ter escapado. (KRISTEVA, op. cit. p. 15).

Ler com entrega e intensidade uma língua estrangeira é também se tornar um leitor estrangeiro. Esse “tornar-se” não diz respeito a um processo de imitação/identificação, mas, como quer Barthes, a um

(...) fazer surgir, descolar da Identificação imaginária ao texto do autor amado (que seduziu), não o que é diferente dele (= impasse do esforço de originalidade), mas aquilo que, em mim, é diferente de mim: o estrangeiro adorado me leva, me conduz a afirmar ativamente o estrangeiro que existe em mim, o estrangeiro que sou para mim mesmo. (BARTHES: 2005, p.24).

O estrangeiro sabe que a travessia é o seu lugar, que na fuga da tradicional, excludente e obsessiva questão ocidental (ser ou não ser) ele encontra o fluxo, o processo no qual os elementos que o compõem geram permanentemente novos devires, ao mesmo tempo em que são por eles gerados.